

LEI DA RECIPROCIDADE

Setor pede cautela com EUA

Após acionar mecanismo contra tarifas, governo inicia consultas antes de decidir sobre eventuais contramedidas. Especialistas veem Lei como instrumento de pressão, mas alertam para risco de escalada na guerra comercial

» RAFAELA GONÇALVES

O governo brasileiro abriu uma nova frente de negociação com os Estados Unidos ao acionar formalmente a Lei da Reciprocidade Econômica contra as tarifas impostas por Washington. O início do processo não significa que o Brasil tenha decidido retaliar os norte-americanos. A partir de agora, o governo entra em uma etapa de consultas com empresas e setores afetados, análise técnica e consulta pública antes de avaliar a adoção de qualquer contramedida, conforme informou, ontem, o ministro da Fazenda Dario Durigan.

“O primeiro passo do processo de reciprocidade é a gente poder colher, em especial, do empresariado brasileiro, mas também do empresariado no exterior, quais seriam os impactos e as preocupações que eles têm com eventuais medidas de reciprocidade”, disse Durigan a jornalistas.

A Lei da Reciprocidade Econômica está valendo desde abril de 2025. O mecanismo permite ao Brasil reagir a medidas unilaterais consideradas prejudiciais aos interesses nacionais, desde que respeitados critérios de proporcionalidade. Entre as possibilidades estão a aplicação de direitos comerciais sobre importações de bens ou serviços e a suspensão de concessões relacionadas a direitos de propriedade intelectual previstas em acordos comerciais.

Em julho, os Estados Unidos confirmaram uma sobretaxa sobre parte das exportações brasileiras de 37,5%.

A abertura do procedimento cria, portanto, uma espécie de mecanismo de pressão

Washington Costa/MF



Durigan ponderou que medidas dependem das consultas aos empresários no Brasil e nos Estados Unidos

enquanto as negociações diplomáticas continuam.

O economista Claudio Felisoni de Angelo, professor da Universidade de São Paulo (USP) e da FIA Business School, explica que o procedimento passa justamente por essa etapa de preparação antes de qualquer decisão. “O governo já abriu formalmente o processo. Agora, vem a fase de consultas com as empresas e setores que foram afetados, análise técnica e consulta pública. Só depois poderá haver uma decisão sobre contramedidas”, afirmou.

Entre as alternativas previstas pela legislação estão tarifas e outras restrições comerciais. Também podem ser suspensas determinadas concessões comerciais e,

em situações específicas, adotadas medidas relacionadas à propriedade intelectual.

A eventual adoção de contramedidas produziria efeitos diferentes entre os setores da economia. Empresas brasileiras que concorrem diretamente com produtos norte-americanos poderiam se beneficiar de uma proteção maior do mercado doméstico. Por outro lado, companhias que dependem de insumos importados dos Estados Unidos poderiam enfrentar aumento de custos.

O impacto também chegaria ao consumidor. Uma elevação das tarifas sobre produtos norte-americanos poderia encarecer bens e insumos utilizados pela indústria brasileira, com reflexos sobre os preços finais.

O economista chama atenção ainda para a assimetria entre as duas economias. “A economia americana é 13 vezes a economia brasileira”, observou.

Amcham pede cautela

A Câmara Americana de Comércio para o Brasil (Amcham) defende que a prioridade permaneça nas negociações com Washington. Em nota, a entidade afirmou que, diante do peso da relação econômica entre os dois países, “o caminho prioritário deve ser a intensificação do diálogo de alto nível e das negociações entre os dois governos”.

A entidade também ressaltou que a abertura do processo não



A Amcham considera que a adoção de eventuais contramedidas deve ser evitada, diante do considerável risco de elevar custos para empresas e consumidores, afetar cadeias produtivas e investimentos e levar a uma escalada comercial”

Câmara Americana de Comércio para o Brasil, em nota

implica uma decisão de retaliação. A avaliação é reforçada por pesquisa com empresas, na qual 90,5% dos participantes defenderam o fortalecimento das negociações diplomáticas e comerciais com os EUA, enquanto apenas 3,2% apontaram a reciprocidade como estratégia preferencial.

“A Amcham considera que a adoção de eventuais contramedidas deve ser evitada, diante do considerável risco de elevar custos para empresas e consumidores, afetar cadeias produtivas e investimentos e levar a uma escalada comercial e política na relação com os Estados Unidos, reduzindo o espaço para o diálogo e tornando mais difícil alcançar uma solução negociada”, reforçou.

MERCADO

Bolsa cai por nove pregões seguidos

» ROSANA HESSEL

O mau humor dos investidores tomou conta do mercado financeiro com a proximidade das eleições e as ameaças de retaliação do Brasil contra os Estados Unidos. A Bolsa de Valores de São Paulo (B3) vem acumulando quedas consecutivas nos últimos dias e o dólar voltou a se valorizar retornando ao patamar de R\$ 5,20.

Ontem, o Índice Bovespa (IBovespa) encerrou com queda de 0,10%, aos 166.934 pontos. No mês a B3 acumula desvalorização de 6,22%. Enquanto isso, o dólar registrou a quinta alta consecutiva, ontem, terminou o pregão com alta de 0,52%, a R\$ 5,219 – maior valor de fechamento desde 30 de março (R\$ 5,248). A Bolsa brasileira já acumula nove quedas seguidas e a saída de estrangeiros somava a retirada de R\$ 13,5 bilhões de investimentos em ações na B3 até o último dia 12.

A decisão do governo brasileiro de iniciar o processo de adoção de mecanismo de reciprocidade contra o tarifaço dos Estados Unidos contribuiu para o aumento da percepção de risco e contribuiu para o nova desvalorização do real frente à divisa norte-americana, aumentando a demanda por hedge (proteção), em razão da maior sensibilidade dos investidores ao ciclo eleitoral, apesar do recuo no discurso de ministros do governo.

As fortes quedas do IBovespa também refletem a perspectiva da confirmação de reeleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, à frente nas pesquisas de opinião.

TALKS

CB

TALKS

Capital

MOTO WEEK

2026

▶▶

EMPREENDEDORISMO
E REPRESENTATIVIDADE
FEMININA

No Capital Moto Week, as mulheres ocupam cada vez mais espaços, quebram barreiras e abrem novos caminhos no universo do motociclismo.

O Correio Braziliense promoveu o Talks – "Empreendedorismo e representatividade feminina", reunindo Ju Jacinto, Cami Abreu e Elizângela Silva Braz para uma conversa inspiradora sobre liderança, representatividade e a força das mulheres.

Realização:

Produção:

CORREIO
BRAZILIENSE

CB Brands
ESTÚDIO DE CONTEÚDO

INSPIRE-SE COM QUEM ESTÁ
AJUDANDO A TRANSFORMAR
ESSE UNIVERSO.

APONTE A CÂMERA PARA
O QR CODE E DÊ O PLAY.